Celine Maria de Sousa Azevedo
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

BURNOUT DOCENTE:

PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E ESTRATÉGIAS DE CUIDADO




COMPREENSÃO DO BURNOUT


INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA


ESTRATÉGIAS DE CUIDADO


BEM-ESTAR E QUALIDADE DE VIDA


EDUCAÇÃO COM SENTIDO E SAÚDE

BURNOUT DOCENTE: PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E ESTRATÉGIAS DE CUIDADO.

Celine Maria de Sousa Azevedo
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

O presente artigo analisa o fenômeno do burnout docente no contexto da educação contemporânea, com ênfase nas contribuições da psicopedagogia institucional e nas estratégias de cuidado voltadas à promoção da saúde mental dos profissionais da educação. Parte-se da compreensão de que o esgotamento profissional entre docentes está associado a um conjunto complexo de fatores estruturais, organizacionais e subjetivos que atravessam o cotidiano escolar, produzindo impactos significativos no bem-estar e na atuação pedagógica. Entre esses fatores, destacam-se a sobrecarga de trabalho decorrente do acúmulo de funções pedagógicas e administrativas, a intensificação das exigências por resultados, a ampliação das responsabilidades socioemocionais atribuídas ao professor, a precarização das condições de trabalho, a insuficiência de recursos materiais e humanos, bem como a desvalorização profissional e a fragilidade das políticas institucionais de apoio. Soma-se a isso o desgaste gerado pelas relações interpessoais no ambiente escolar, frequentemente marcadas por conflitos, falta de reconhecimento e baixa integração entre os diferentes atores educacionais. O estudo evidencia que tais condições contribuem diretamente para o adoecimento físico e psíquico dos docentes, manifestando-se por meio de sintomas como exaustão emocional, despersonalização, redução da realização profissional e perda de motivação para o trabalho, características centrais do burnout. Esse quadro compromete não apenas a saúde do professor, mas também a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, afetando o desempenho dos estudantes e o clima institucional como um todo. A psicopedagogia institucional é apresentada como um campo de intervenção fundamental, ao propor uma leitura sistêmica das dinâmicas escolares e ao atuar na prevenção, identificação e enfrentamento das situações de sofrimento no contexto educacional. Destaca-se que a atuação psicopedagógica institucional possibilita a criação de espaços de escuta qualificada, a mediação de conflitos, o acompanhamento de práticas pedagógicas e o desenvolvimento de ações formativas voltadas à reflexão sobre o trabalho docente. Contribui para a construção de estratégias coletivas de enfrentamento do estresse ocupacional, promovendo a articulação entre gestão escolar, equipe pedagógica e comunidade educativa. O artigo também enfatiza a relevância de políticas institucionais que valorizem o professor, incentivem o trabalho colaborativo, fortaleçam a formação continuada e promovam condições adequadas de trabalho. Conclui-se que o enfrentamento do burnout docente exige uma abordagem integrada e multidimensional, que considere tanto os aspectos individuais quanto os estruturais do trabalho docente. A articulação entre psicopedagogia institucional, gestão escolar e políticas públicas torna-se essencial para a promoção da saúde mental, da qualidade de vida e da sustentabilidade do trabalho docente no contexto educacional contemporâneo.

Palavras-chave: Burnout docente; psicopedagogia institucional; saúde mental; estratégias de cuidado; educação.

TEACHER BURNOUT: INSTITUTIONAL PSYCHOPEDAGOGY AND CARE STRATEGIES.

Celine Maria de Sousa Azevedo
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

This article analyzes the phenomenon of teacher burnout in the context of contemporary education, with emphasis on the contributions of institutional psychopedagogy and care strategies aimed at promoting the mental health of education professionals. It is based on the understanding that professional exhaustion among teachers is associated with a complex set of structural, organizational, and subjective factors that permeate daily school life, producing significant impacts on well-being and pedagogical practice. Among these factors, highlight is given to workload overload resulting from the accumulation of pedagogical and administrative tasks, the intensification of performance demands, the expansion of socio-emotional responsibilities attributed to teachers, the precariousness of working conditions, the insufficiency of material and human resources, as well as professional devaluation and the fragility of institutional support policies. In addition, there is the strain generated by interpersonal relationships in the school environment, often marked by conflicts, lack of recognition, and low integration among different educational actors. The study shows that such conditions directly contribute to teachers' physical and psychological illness, manifesting in symptoms such as emotional exhaustion, depersonalization, reduced professional accomplishment, and loss of motivation for work, which are core characteristics of burnout. This situation compromises not only teachers' health but also the quality of the teaching and learning process, affecting student performance and the overall institutional climate. Institutional psychopedagogy is presented as a fundamental field of intervention, as it proposes a systemic understanding of school dynamics and acts in the prevention, identification, and addressing of suffering situations within the educational context. It is emphasized that psychopedagogical institutional practice enables the creation of qualified listening spaces, conflict mediation, monitoring of pedagogical practices, and the development of formative actions aimed at reflecting on teaching work. It also contributes to the construction of collective strategies to cope with occupational stress, promoting articulation between school management, pedagogical staff, and the educational community. The article also highlights the relevance of institutional policies that value teachers, encourage collaborative work, strengthen continuing education, and promote adequate working conditions. It concludes that addressing teacher burnout requires an integrated and multidimensional approach that considers both individual and structural aspects of teaching work. The articulation between institutional psychopedagogy, school management, and public policies is essential for promoting mental health, quality of life, and the sustainability of teaching work in contemporary education.

Keywords: Teacher burnout; institutional psychopedagogy; mental health; care strategies; education.

BURNOUT DOCENTE: PSICOPEDAGOGÍA INSTITUCIONAL Y ESTRATEGIAS DE CUIDADO.

Celine Maria de Sousa Azevedo
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

Este artículo analiza el fenómeno del burnout docente en el contexto de la educación contemporánea, con énfasis en las contribuciones de la psicopedagogía institucional y en las estrategias de cuidado orientadas a la promoción de la salud mental de los profesionales de la educación. Parte de la comprensión de que el agotamiento profesional en los docentes está asociado a un conjunto complejo de factores estructurales, organizacionales y subjetivos que atraviesan la vida cotidiana escolar, generando impactos significativos en el bienestar y en la práctica pedagógica. Entre estos factores se destacan la sobrecarga de trabajo derivada de la acumulación de funciones pedagógicas y administrativas, la intensificación de las exigencias de rendimiento, la ampliación de las responsabilidades socioemocionales atribuidas al docente, la precarización de las condiciones laborales, la insuficiencia de recursos materiales y humanos, así como la desvalorización profesional y la fragilidad de las políticas institucionales de apoyo. A ello se suma el desgaste producido por las relaciones interpersonales en el entorno escolar, frecuentemente marcadas por conflictos, falta de reconocimiento y baja integración entre los distintos actores educativos. El estudio evidencia que dichas condiciones contribuyen directamente al deterioro físico y psicológico de los docentes, manifestándose a través de síntomas como el agotamiento emocional, la despersonalización, la reducción de la realización profesional y la pérdida de motivación laboral, características centrales del burnout. Este cuadro compromete no solo la salud del profesorado, sino también la calidad del proceso de enseñanza-aprendizaje, afectando el rendimiento de los estudiantes y el clima institucional en su conjunto. La psicopedagogía institucional se presenta como un campo de intervención fundamental, al proponer una lectura sistémica de las dinámicas escolares y actuar en la prevención, identificación y abordaje de las situaciones de sufrimiento en el contexto educativo. Se destaca que la actuación psicopedagógica institucional permite la creación de espacios de escucha cualificada, la mediación de conflictos, el seguimiento de prácticas pedagógicas y el desarrollo de acciones formativas orientadas a la reflexión sobre el trabajo docente. Asimismo, contribuye a la construcción de estrategias colectivas para afrontar el estrés laboral, promoviendo la articulación entre la gestión escolar, el equipo pedagógico y la comunidad educativa. El artículo también subraya la importancia de políticas institucionales que valoren al docente, fomenten el trabajo colaborativo, fortalezcan la formación continua y promuevan condiciones adecuadas de trabajo. Se concluye que el abordaje del burnout docente requiere una perspectiva integrada y multidimensional, que considere tanto los aspectos individuales como estructurales del trabajo docente. La articulación entre psicopedagogía institucional, gestión escolar y políticas públicas resulta esencial para la promoción de la salud mental, la calidad de vida y la sostenibilidad del trabajo docente en la educación contemporánea.

Palabras clave: Burnout docente; psicopedagogía institucional; salud mental; estrategias de cuidado; educación.

BURNOUT DOCENTE: PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E ESTRATÉGIAS DE CUIDADO.

Celine Maria de Sousa Azevedo
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno do burnout docente emerge como uma configuração complexa de desgaste psíquico associado ao trabalho educacional, caracterizado por exaustão emocional, distanciamento afetivo e percepção reduzida de realização profissional. Estudos contemporâneos indicam que tal síndrome não se restringe a manifestações individuais, mas se inscreve em dinâmicas institucionais amplas que atravessam a organização escolar e suas exigências cotidianas (Almeida; Santos; Silva, 2023). A compreensão desse processo demanda uma leitura que ultrapasse explicações simplificadoras, incorporando dimensões sociais, laborais e subjetivas que estruturam o cotidiano docente.

A literatura especializada aponta que o adoecimento mental de professores se intensifica em cenários marcados por transformações aceleradas nas políticas educacionais e por demandas crescentes de desempenho institucional. Revisões sistemáticas evidenciam que o sofrimento psíquico docente constitui um problema recorrente em diferentes contextos educacionais, com impactos diretos na saúde e na permanência na carreira (Diehl; Marin, 2016). A escola, nesse cenário, passa a operar como espaço simultâneo de produção de conhecimento e de tensionamento emocional contínuo.

A investigação científica sobre burnout docente requer rigor metodológico capaz de sustentar interpretações consistentes e replicáveis. Abordagens metodológicas mistas oferecem possibilidades de integração entre dados qualitativos e quantitativos, ampliando a compreensão dos fenômenos educacionais em sua complexidade (Creswell, 2021). A escolha metodológica influencia diretamente a forma como o sofrimento docente é interpretado e transformado em objeto de análise acadêmica.

A produção de revisões sistemáticas na área da educação tem se consolidado como estratégia de organização do conhecimento científico, permitindo síntese crítica de evidências dispersas. A literatura destaca que esse tipo de revisão contribui para identificar lacunas investigativas e padrões recorrentes no campo educacional (Galvão; Ricarte, 2019). No caso do

burnout docente, essa abordagem favorece a compreensão de tendências globais de adoecimento.

A sistematização de evidências científicas demanda protocolos rigorosos de seleção e análise de estudos, especialmente quando se trata de fenômenos multifatoriais. Diretrizes internacionais como o PRISMA 2020 estabelecem parâmetros de transparência e rastreabilidade na condução de revisões sistemáticas (Page et al., 2021). Tal estrutura metodológica fortalece a credibilidade das investigações sobre saúde docente.

A aplicação de metodologias estruturadas como o PRISMA possibilita maior clareza na organização de fluxos de análise, reduzindo vieses interpretativos. Modelos de revisão baseados nesse protocolo ampliam a confiabilidade dos achados e permitem comparabilidade entre estudos distintos (Morales, 2022). No campo educacional, essa sistematização contribui para consolidar evidências sobre o burnout docente.

A pesquisa documental constitui alternativa relevante para o estudo de políticas educacionais e suas implicações no cotidiano escolar. Sua utilização permite acessar materiais institucionais e normativos que influenciam diretamente a organização do trabalho docente (Fávero; Centenaro, 2019). A análise documental revela camadas de sentido frequentemente invisibilizadas nas práticas escolares.

A formação docente e suas implicações para a saúde mental podem ser investigadas por meio de documentos institucionais, ampliando a compreensão sobre trajetórias profissionais. Estudos indicam que a pesquisa documental se apresenta como ferramenta importante na análise de políticas formativas e suas repercussões (Silva et al., 2009). Esse enfoque permite compreender a construção histórica das condições de trabalho docente.

A pluralidade metodológica na pesquisa educacional contemporânea favorece a emergência de abordagens críticas e integradas. Reflexões recentes indicam que novas perspectivas metodológicas podem contribuir para ampliar a compreensão dos fenômenos educacionais complexos (Narciso; Santana, 2025). O burnout docente se insere nesse conjunto de objetos que exigem abordagens multifacetadas.

A relação entre sentido de vida e burnout em professores revela dimensões subjetivas importantes para a compreensão do sofrimento no trabalho. Evidências empíricas indicam correlações entre níveis de exaustão profissional e percepção existencial de significado no exercício docente (Almeida; Santos; Silva, 2023). Essa articulação evidencia que o adoecimento não se limita a fatores externos, mas envolve dimensões internas da experiência profissional.

Estudos sobre engajamento docente indicam que a energia investida no trabalho pode coexistir com níveis elevados de desgaste emocional, configurando um paradoxo contemporâneo. Pesquisas realizadas em contextos escolares brasileiros apontam coexistência entre dedicação profissional e sinais de exaustão psíquica (Machado; Cardoso; Guilherme, 2024). Esse cenário complexifica a compreensão do trabalho docente.

Investigações de caso sobre esgotamento mental evidenciam que a experiência docente é atravessada por pressões institucionais e demandas emocionais contínuas. Estudos em redes públicas de ensino demonstram que o sofrimento psíquico se intensifica diante da precarização das condições laborais (Souza, 2018). O cotidiano escolar aparece como espaço de intensificação de tensões.

A psicopedagogia institucional surge como campo de intervenção voltado à leitura das dinâmicas escolares em sua totalidade. Sua atuação envolve compreensão dos processos de aprendizagem e das relações institucionais que atravessam o ambiente educativo (Sousa, 2024). Esse enfoque amplia a possibilidade de intervenção sobre situações de sofrimento docente.

Experiências de intervenção psicopedagógica institucional demonstram potencial para reorganização de vínculos e ressignificação de práticas escolares. Estudos em contextos socioeducativos indicam que ações psicopedagógicas contribuem para enfrentamento de dificuldades institucionais complexas (Sanches; Marquezan, 2023). A escola passa a ser compreendida como espaço de intervenção sistêmica.

Dispositivos institucionais de escuta têm sido discutidos como estratégias de enfrentamento do mal-estar contemporâneo na educação. O plantão institucional constitui uma dessas modalidades, oferecendo espaço de acolhimento e elaboração de conflitos escolares (Lerner et al., 2014). Essa prática evidencia a necessidade de suporte contínuo no ambiente educativo.

A estrutura organizacional da escola influencia diretamente a produção de sofrimento entre docentes, especialmente quando marcada por sobrecarga e exigências simultâneas. Condições de trabalho intensificadas contribuem para o aumento de sintomas relacionados ao burnout e à exaustão emocional (Diehl; Marin, 2016). O ambiente escolar torna-se, muitas vezes, fonte de tensão persistente.

A intensificação do trabalho docente envolve acúmulo de tarefas pedagógicas e administrativas que ultrapassam a função tradicional de ensino. Essa ampliação de responsabilidades impacta diretamente a saúde mental dos profissionais da educação (Souza, 2018). O cotidiano escolar passa a exigir múltiplas competências simultâneas.

Demandas emocionais presentes na relação pedagógica configuram outro eixo relevante na compreensão do burnout. A gestão de conflitos, a mediação de relações e o cuidado com estudantes ampliam a carga psíquica do trabalho docente (Almeida; Santos; Silva, 2023). Essas exigências afetam diretamente o equilíbrio emocional dos professores.

A ausência de reconhecimento institucional aparece como fator recorrente na literatura sobre adoecimento docente. Pesquisas indicam que a desvalorização profissional contribui para a redução do engajamento e aumento da exaustão (Machado; Cardoso; Guilherme, 2024). A dimensão simbólica do trabalho torna-se elemento central na análise do burnout.

As relações interpessoais no ambiente escolar também exercem influência significativa sobre o bem-estar docente. Conflitos, falta de cooperação e fragmentação das equipes pedagógicas intensificam o sofrimento no trabalho (Souza, 2018). A dimensão relacional assume papel estruturante na experiência profissional.

Os impactos do burnout sobre a saúde mental dos professores incluem sintomas progressivos de desgaste emocional e cognitivo. Revisões sistemáticas apontam associação consistente entre condições de trabalho adversas e adoecimento psíquico (Diehl; Marin, 2016). A continuidade desses processos afeta a estabilidade profissional.

A gestão escolar desempenha papel determinante na organização das condições de trabalho docente. Modelos de administração educacional influenciam diretamente a distribuição de tarefas e o suporte institucional oferecido aos professores (Fávero; Centenaro, 2019). A estrutura de gestão interfere na produção de bem-estar ou sofrimento.

Estratégias de cuidado no ambiente escolar têm sido associadas à atuação da psicopedagogia institucional em diferentes contextos. Intervenções voltadas à escuta, mediação e formação contribuem para ressignificar experiências de sofrimento docente (Sousa, 2024). Essas práticas ampliam possibilidades de enfrentamento coletivo.

A articulação entre práticas institucionais e políticas públicas aparece como elemento decisivo na abordagem do burnout docente. A sustentabilidade do trabalho educacional depende de ações integradas que considerem dimensões estruturais e subjetivas da profissão (Page et al., 2021). O campo educacional revela-se atravessado por múltiplas camadas de complexidade.

A permanência do debate sobre saúde mental docente indica que o fenômeno do burnout permanece em expansão no cenário educacional contemporâneo. Evidências empíricas sugerem que novas investigações são necessárias para compreender suas múltiplas determinações (Almeida; Santos; Silva, 2023). O campo permanece aberto a novas interpretações teóricas e empíricas.

2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do debate sobre burnout docente exige um deslocamento analítico que ultrapasse a leitura individualizante do sofrimento e alcance as engrenagens institucionais que estruturam o trabalho educativo. A literatura contemporânea evidencia que o esgotamento profissional do professor não pode ser compreendido fora das condições históricas e organizacionais que moldam a escola, sobretudo quando se observa a intensificação das exigências laborais e a complexificação das funções docentes (Almeida; Santos; Silva, 2023). A docência, nesse cenário, deixa de ser apenas prática pedagógica e passa a incorporar demandas emocionais e administrativas que reconfiguram sua identidade profissional.

A expansão das responsabilidades atribuídas ao professor insere-se em uma lógica de produtividade que atravessa as políticas educacionais contemporâneas. Estudos indicam que a sobrecarga de tarefas e a multiplicação de atribuições contribuem para o aumento progressivo do desgaste psíquico no cotidiano escolar (Souza, 2018). O trabalho docente passa a operar sob tensão constante, marcada por expectativas institucionais que frequentemente ultrapassam as condições reais de execução.

A literatura sobre adoecimento mental docente aponta que o burnout se manifesta como resposta a um conjunto persistente de pressões ocupacionais. Revisões sistemáticas revelam padrões recorrentes de exaustão emocional, despersonalização e redução da realização profissional entre professores brasileiros (Diehl; Marin, 2016). Esses indicadores não surgem isoladamente, mas se articulam a um ambiente de trabalho caracterizado por fragilidades estruturais.

A compreensão metodológica desse fenômeno exige rigor investigativo e coerência na seleção de procedimentos analíticos. Abordagens qualitativas e quantitativas, quando integradas, permitem uma leitura mais ampla das experiências docentes e de suas condições objetivas de trabalho (Creswell, 2021). A complexidade do burnout demanda estratégias de pesquisa capazes de captar tanto dimensões subjetivas quanto institucionais.

O uso de revisões sistemáticas na área educacional contribui para a organização do conhecimento científico acumulado sobre o tema. A consolidação de protocolos metodológicos como o PRISMA fortalece a transparência e a rastreabilidade das análises produzidas (Page et al., 2021). Esse tipo de estrutura metodológica amplia a consistência das interpretações sobre saúde docente.

A aplicação de protocolos rigorosos de revisão permite identificar padrões recorrentes nas produções científicas sobre burnout. A literatura destaca que tais procedimentos favorecem a síntese crítica de evidências dispersas, contribuindo para maior clareza epistemológica no

campo educacional (Galvão; Ricarte, 2019). O conhecimento produzido torna-se mais organizado e comparável entre diferentes contextos investigativos.

A ampliação das metodologias de pesquisa em educação tem possibilitado novas leituras sobre o sofrimento docente. Propostas recentes defendem abordagens mais flexíveis e críticas, capazes de integrar dimensões sociais, institucionais e subjetivas (Narciso; Santana, 2025). O burnout docente, nesse sentido, emerge como fenômeno multifacetado que exige interpretações não reducionistas.

A pesquisa documental constitui um recurso relevante para a análise das políticas educacionais e de suas implicações no trabalho docente. A leitura de documentos institucionais permite compreender como normas e diretrizes impactam a organização da prática pedagógica (Fávero; Centenaro, 2019). Essa abordagem revela dimensões estruturais frequentemente invisíveis no cotidiano escolar.

A utilização de documentos como fonte de investigação contribui para o entendimento histórico das condições de trabalho docente. Estudos indicam que essa estratégia metodológica possibilita reconstruir percursos formativos e políticas educacionais que influenciam diretamente a profissão (Silva et al., 2009). O professor passa a ser compreendido dentro de uma rede normativa mais ampla.

A psicopedagogia institucional emerge como campo de intervenção voltado à leitura das dinâmicas escolares em sua totalidade. Sua atuação envolve a análise das relações pedagógicas e das condições institucionais que afetam o processo de ensino e aprendizagem (Sousa, 2024). Esse enfoque desloca o olhar do indivíduo isolado para a estrutura educativa.

Experiências de intervenção psicopedagógica institucional demonstram potencial para reorganizar vínculos e ressignificar práticas escolares. Estudos realizados em contextos socioeducativos indicam que a atuação psicopedagógica contribui para a mediação de conflitos e fortalecimento das relações institucionais (Sanches; Marquezan, 2023). O ambiente escolar passa a ser compreendido como espaço de intervenção sistêmica.

A presença de dispositivos institucionais de escuta tem sido apontada como estratégia relevante no enfrentamento do sofrimento docente. O plantão institucional configura uma modalidade de acolhimento que permite a elaboração de tensões vividas no cotidiano escolar (Lerner et al., 2014). Essa prática evidencia a necessidade de espaços de cuidado no interior das instituições.

O sofrimento docente também se relaciona à fragilidade das condições materiais e simbólicas de trabalho. A precarização estrutural das escolas impacta diretamente a saúde

mental dos professores e intensifica quadros de exaustão (Souza, 2018). O ambiente escolar torna-se permeado por pressões contínuas que afetam o equilíbrio emocional.

A intensificação das demandas pedagógicas produz um cenário de constante adaptação por parte do docente. A multiplicidade de funções exige habilidades que ultrapassam a formação inicial, ampliando a carga cognitiva e emocional do trabalho (Almeida; Santos; Silva, 2023). Esse processo redefine o papel do professor na contemporaneidade.

As relações interpessoais no ambiente escolar exercem influência significativa sobre o bem-estar docente. Conflitos institucionais e baixa cooperação entre equipes pedagógicas contribuem para o aumento do desgaste profissional (Diehl; Marin, 2016). A dimensão relacional assume centralidade na compreensão do burnout.

A ausência de reconhecimento profissional constitui fator relevante na produção do sofrimento docente. Estudos indicam que a desvalorização simbólica do trabalho do professor afeta diretamente sua motivação e engajamento (Machado; Cardoso; Guilherme, 2024). O sentido atribuído à profissão torna-se elemento decisivo na manutenção da saúde mental.

O engajamento docente, embora elevado em muitos contextos, pode coexistir com níveis intensos de exaustão emocional. Pesquisas recentes revelam que dedicação profissional não impede o desenvolvimento de sintomas associados ao burnout (Machado; Cardoso; Guilherme, 2024). Essa ambivalência evidencia a complexidade da experiência docente.

A gestão escolar desempenha papel determinante na organização das condições de trabalho e na mediação das demandas institucionais. Estruturas administrativas influenciam diretamente o nível de suporte oferecido aos professores (Fávero; Centenaro, 2019). A configuração organizacional da escola impacta a saúde coletiva.

Estratégias de cuidado voltadas ao ambiente escolar têm sido associadas à atuação da psicopedagogia institucional. Intervenções que privilegiam escuta, reflexão e mediação contribuem para o enfrentamento do sofrimento docente (Sousa, 2024). Essas práticas ampliam possibilidades de ressignificação institucional.

A articulação entre práticas de cuidado e políticas públicas educacionais revela-se fundamental para a sustentabilidade do trabalho docente. A ausência de integração entre diferentes níveis de gestão fragiliza estratégias de enfrentamento do burnout (Page et al., 2021). O problema assume dimensão estrutural.

A continuidade das pesquisas sobre burnout docente indica a persistência do fenômeno no cenário educacional contemporâneo. Evidências empíricas sugerem que o sofrimento docente permanece como desafio central para a educação pública (Almeida; Santos; Silva, 2023). O campo investigativo segue em expansão.

A psicopedagogia institucional, quando integrada a políticas de formação e gestão, pode contribuir para a construção de ambientes escolares mais saudáveis. Sua atuação amplia a compreensão do sofrimento docente para além de perspectivas individuais (Sanches; Marquezan, 2023). O cuidado passa a ser entendido como prática coletiva.

O enfrentamento do burnout docente exige leitura crítica das estruturas que organizam o trabalho escolar. A análise das condições institucionais permite compreender como o sofrimento se produz e se mantém no cotidiano educacional (Diehl; Marin, 2016). O fenômeno revela-se profundamente enraizado na organização do sistema educativo.

2.1. METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza básica, fundamentada na interpretação crítica de produções científicas e documentos acadêmicos relacionados ao fenômeno do burnout docente, à psicopedagogia institucional e às estratégias de cuidado no contexto educacional contemporâneo, conforme destaca Creswell (2021) ao discutir a centralidade dos significados na investigação qualitativa. Essa escolha metodológica sustenta-se na necessidade de compreender sentidos, experiências e processos que atravessam as práticas pedagógicas, privilegiando a profundidade analítica em detrimento da quantificação de variáveis.

No que se refere à natureza da pesquisa, caracteriza-se como básica, pois se orienta à ampliação do conhecimento teórico sem aplicação imediata, permitindo o aprofundamento conceitual sobre o burnout docente em diálogo com diferentes perspectivas científicas. Tal opção favorece a construção de interpretações mais amplas sobre o fenômeno, especialmente quando articulada a produções que analisam o sofrimento docente em contextos educacionais complexos.

Quanto aos objetivos, a investigação assume caráter exploratório e descritivo, buscando inicialmente ampliar a familiaridade com o fenômeno do burnout docente e, posteriormente, sistematizar suas principais características presentes na literatura científica. Essa combinação permite compreender tanto as lacunas teóricas quanto os elementos recorrentes nas produções acadêmicas, favorecendo uma leitura mais densa e estruturada do objeto de estudo.

Os procedimentos técnicos adotados envolvem pesquisa bibliográfica e documental, estruturada a partir da análise de produções científicas disponíveis em bases nacionais e internacionais. Batista e Kumada (2021) destacam que a pesquisa bibliográfica possibilita a sistematização do conhecimento existente e a construção de referenciais teóricos consistentes,

sendo essencial para estudos que buscam compreender fenômenos educacionais complexos como o burnout docente.

A importância da pesquisa bibliográfica no campo educacional também é enfatizada por Narciso e Santana (2025), ao argumentarem que revisões críticas permitem reorganizar saberes dispersos e identificar novas possibilidades interpretativas. No caso desta investigação, tal abordagem contribui para compreender o burnout docente a partir de múltiplos enfoques teóricos, articulando dimensões institucionais, subjetivas e sociais.

A pesquisa documental complementa esse percurso ao incorporar materiais acadêmicos e institucionais acessados em bases como CAPES, SciELO, Scopus e Web of Science. Fávero e Centenaro (2019) ressaltam que a análise documental permite examinar registros normativos e científicos que influenciam diretamente a compreensão das políticas educacionais, ampliando o entendimento sobre o contexto de produção do trabalho docente.

A seleção das fontes foi orientada por critérios de atualidade, pertinência temática e rigor científico, garantindo maior consistência ao corpus analisado. Esse processo envolve leitura exploratória inicial, seguida de triagem criteriosa dos materiais mais relevantes para o objeto de estudo, permitindo a construção de uma base teórica sólida e coerente.

Após essa etapa, os textos selecionados foram submetidos à leitura analítica aprofundada, buscando identificar categorias recorrentes, tensões conceituais e contribuições singulares presentes na literatura. Creswell (2021) enfatiza que a sistematização rigorosa dos dados é fundamental para evitar interpretações fragmentadas e assegurar coerência interpretativa no desenvolvimento da pesquisa.

Os procedimentos de análise envolveram categorização temática e cruzamento de informações entre os estudos selecionados, permitindo a identificação de convergências e divergências no campo investigado. Esse movimento analítico possibilita compreender como diferentes autores interpretam o burnout docente e suas relações com a psicopedagogia institucional.

A organização dos dados seguiu princípios inspirados em protocolos de revisão sistemática, especialmente o PRISMA 2020, que orienta a transparência e rastreabilidade dos processos de seleção e análise de estudos, conforme indicado por Page et al. (2021). Ainda que a pesquisa não configure uma revisão sistemática formal, tais diretrizes contribuíram para o rigor metodológico.

Morales (2022) reforça que metodologias baseadas em revisão estruturada fortalecem a consistência das análises e reduzem vieses interpretativos, aspecto essencial em pesquisas que

lidam com grande volume de produções científicas. Essa perspectiva contribui para organizar de forma mais clara o percurso investigativo adotado.

A leitura comparativa entre os estudos permitiu estabelecer relações entre diferentes perspectivas teóricas, evidenciando como o burnout docente é compreendido em múltiplas dimensões. Esse processo favorece uma análise mais crítica e menos descritiva, ampliando a profundidade interpretativa dos dados coletados.

A articulação entre pesquisa bibliográfica e documental possibilita uma compreensão mais ampla do fenômeno investigado, uma vez que integra produções teóricas e materiais institucionais. Essa combinação metodológica fortalece a análise ao permitir o diálogo entre diferentes fontes de conhecimento.

A metodologia adotada sustenta-se na compreensão de que o burnout docente exige abordagens investigativas capazes de integrar dimensões subjetivas, institucionais e estruturais do trabalho educativo, sendo a análise crítica das produções científicas um caminho fundamental para a construção de conhecimento consistente sobre o tema.

2.1.1. Abordagem Qualitativa da Pesquisa

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa, compreendendo o fenômeno do burnout docente como construção complexa atravessada por dimensões subjetivas, institucionais e sociais, perspectiva defendida por Creswell (2021) ao enfatizar a centralidade dos significados nas ciências humanas. Essa abordagem permite interpretar experiências vividas no contexto educacional sem reduzi-las a variáveis mensuráveis, valorizando a densidade dos discursos acadêmicos e das produções científicas analisadas. O foco recai sobre a compreensão dos sentidos atribuídos ao sofrimento docente e às estratégias de cuidado propostas pela psicopedagogia institucional.

2.1.2. Natureza Basal da Investigação

A pesquisa apresenta natureza básica, voltada à ampliação do conhecimento teórico sobre o burnout docente, sem pretensão imediata de aplicação prática. Essa configuração permite aprofundar debates conceituais e compreender estruturas que sustentam o adoecimento docente, dialogando com diferentes produções científicas. Batista e Kumada (2021) indicam que pesquisas de natureza básica são fundamentais para consolidar referenciais teóricos consistentes, especialmente em campos educacionais marcados por complexidade e múltiplas interpretações.

2.1.3. Objetivos Exploratórios e Descritivos

Os objetivos da pesquisa são exploratórios e descritivos, buscando inicialmente ampliar a familiaridade com o fenômeno do burnout docente e, posteriormente, sistematizar suas principais características presentes na literatura científica. Essa dupla orientação permite identificar lacunas teóricas e organizar categorias analíticas que revelam padrões recorrentes nas produções acadêmicas. Narciso e Santana (2025) destacam que abordagens exploratórias são fundamentais para abrir novos caminhos interpretativos em pesquisas educacionais complexas.

2.1.4. Pesquisa Bibliográfica como Fundamentação Científica

A pesquisa bibliográfica constitui o eixo central do estudo, sendo responsável pela construção do referencial teórico que sustenta a análise do objeto investigado. Essa estratégia metodológica envolve a leitura, seleção e interpretação de artigos, livros e dissertações que abordam o burnout docente e suas interfaces com a psicopedagogia institucional. Fávero e Centenaro (2019) ressaltam que a pesquisa bibliográfica permite acessar diferentes camadas de interpretação sobre políticas e práticas educacionais, ampliando a compreensão do fenômeno.

2.1.5. Pesquisa Documental e Seleção das Fontes

A pesquisa documental complementa o percurso metodológico ao incluir materiais acadêmicos e institucionais disponíveis em bases como CAPES, SciELO, Scopus e Web of Science. Esses documentos foram selecionados com base em critérios de atualidade, pertinência temática e rigor científico, garantindo consistência ao corpus analisado. Silva et al. (2009) destacam que a análise documental possibilita compreender a formação histórica de práticas educativas e suas implicações no trabalho docente, ampliando o campo interpretativo da pesquisa.

2.1.6. Procedimentos de Coleta, Análise e Categorização dos Dados

Os procedimentos de coleta e análise foram organizados a partir de leitura exploratória, seguida de leitura analítica aprofundada dos materiais selecionados, permitindo a identificação de categorias temáticas relacionadas ao burnout docente e à psicopedagogia institucional. Creswell (2021) enfatiza que a sistematização rigorosa dos dados é essencial para garantir coerência interpretativa em pesquisas qualitativas. Em seguida, realizou-se categorização temática e cruzamento das informações, possibilitando identificar convergências e divergências entre os estudos analisados.

O processo de organização dos dados também foi orientado por princípios de revisão sistemática, especialmente os protocolos do PRISMA 2020, conforme Page et al. (2021), que reforçam a importância da transparência na seleção e análise das fontes. Morales (2022) acrescenta que metodologias estruturadas de revisão contribuem para maior confiabilidade e redução de vieses interpretativos, fortalecendo a consistência do percurso investigativo. Essa etapa permitiu construir uma síntese interpretativa articulada, integrando diferentes perspectivas teóricas sobre o fenômeno estudado.



2.2. BURNOUT DOCENTE DADOS DE 2023

O cenário contemporâneo do trabalho docente em 2023 revela um quadro de intensificação do sofrimento psíquico associado às condições estruturais da profissão, evidenciando um fenômeno que se consolida como preocupação central nas discussões educacionais e de saúde ocupacional. Dados recentes do Instituto Península (2023), divulgados no Observatório de Saúde Docente, apontam que 72% dos professores relatam exaustão emocional ao final da jornada diária, sinalizando que o desgaste ultrapassa limites episódicos e se torna componente regular da experiência profissional.

A compreensão desse fenômeno exige atenção às transformações ocorridas na organização do trabalho escolar, especialmente no que se refere à ampliação das responsabilidades atribuídas ao professor. O aumento das demandas pedagógicas, administrativas e socioemocionais redefine o papel docente, deslocando-o de mediador do conhecimento para gestor de múltiplas urgências institucionais. Nesse contexto, 75% dos professores afirmam que a carga de trabalho aumentou nos últimos anos, indicando uma escalada contínua de exigências.

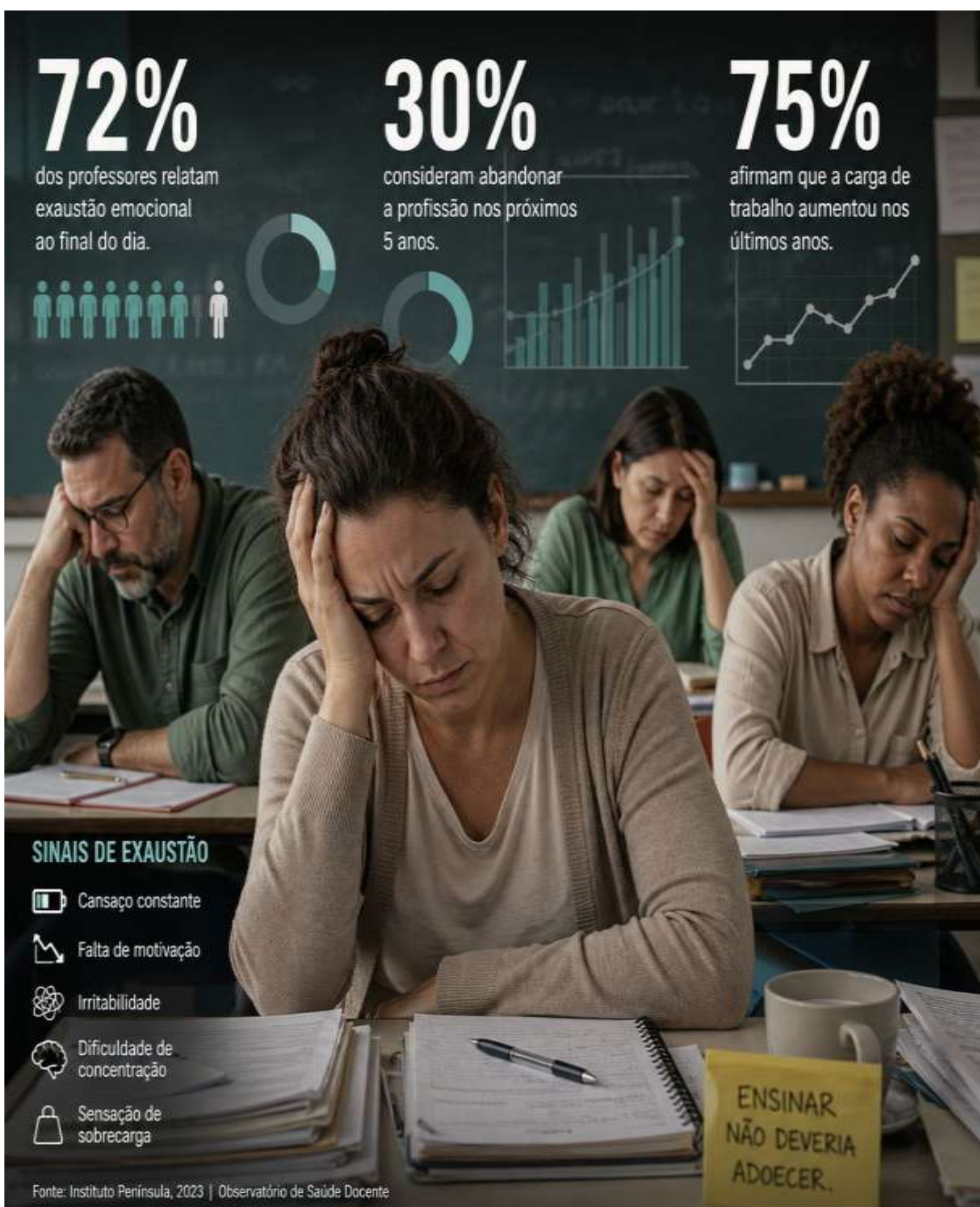
A sobrecarga laboral não se restringe ao volume de tarefas, mas envolve também a complexificação das relações no ambiente escolar, que passam a exigir competências

emocionais intensificadas. A necessidade de lidar com conflitos, indisciplina, vulnerabilidades sociais e pressões por resultados cria um cenário de permanente ativação psicológica. Esse estado contínuo de alerta contribui para o desgaste progressivo e para a erosão dos recursos emocionais dos profissionais da educação.

A literatura contemporânea sobre saúde docente aponta que o burnout se caracteriza por dimensões específicas, como exaustão emocional, despersonalização e redução da realização profissional. No levantamento de 2023, observa-se que os sintomas associados ao esgotamento aparecem de forma recorrente entre os professores, especialmente cansaço constante, irritabilidade e perda de motivação. Esses elementos revelam não apenas sofrimento individual, mas uma configuração sistêmica de adoecimento, na qual as condições estruturais do trabalho escolar funcionam como fatores de manutenção do estresse crônico. O sofrimento psíquico não pode ser compreendido como um evento isolado, mas como resultado de um cotidiano marcado por sobrecarga, exigências múltiplas e insuficiência de suporte institucional, o que reforça a natureza coletiva e organizacional do problema.

A dificuldade de concentração também emerge como indicador relevante no contexto analisado, afetando diretamente a qualidade do trabalho pedagógico. Quando o professor enfrenta prejuízos cognitivos associados ao estresse crônico, sua capacidade de planejamento, organização e intervenção didática se torna comprometida, gerando um ciclo de retrabalho, insegurança e sensação de ineficácia profissional. Esse cenário repercute na dinâmica da sala de aula, influenciando o processo de aprendizagem dos estudantes e ampliando tensões institucionais, já que a perda de fluidez nas práticas pedagógicas tende a aumentar a cobrança por resultados e intensificar ainda mais a pressão sobre o docente. O adoecimento cognitivo não é apenas um efeito colateral do burnout, mas um elemento que retroalimenta o próprio ciclo de exaustão no ambiente escolar.

Observa-se que a redução da realização profissional e o enfraquecimento do sentido atribuído ao trabalho docente constituem dimensões decisivas desse processo. Muitos professores relatam sensação de inutilidade, desvalorização e distanciamento em relação ao propósito educativo, o que impacta diretamente sua identidade profissional. Esse fenômeno está relacionado à combinação entre exigências crescentes de desempenho, precarização das condições de trabalho e ausência de reconhecimento social, produzindo um esvaziamento simbólico da profissão. Como consequência, o vínculo entre professor e atividade pedagógica tende a se fragilizar, favorecendo quadros de desengajamento, absenteísmo e, em casos mais graves, afastamento definitivo da carreira docente, o que evidencia a profundidade e a complexidade do burnout na contemporaneidade.



Fonte: Instituto Península, (2023).

A análise dos dados de 2023 evidencia ainda que 30% dos docentes consideram abandonar a profissão nos próximos cinco anos, o que revela um quadro preocupante de evasão potencial na carreira docente. Esse indicador aponta para a perda de sentido profissional e para a fragilização do vínculo com a prática educativa, indicando que o burnout não se limita ao desgaste, mas também influencia decisões estruturais sobre permanência no trabalho.

O abandono da profissão, quando considerado em larga escala, pode gerar impactos significativos na estrutura dos sistemas educacionais, afetando a continuidade pedagógica e a estabilidade das equipes escolares. A rotatividade docente tende a comprometer projetos de longo prazo e enfraquecer vínculos institucionais, produzindo efeitos cumulativos na qualidade do ensino. Esse cenário exige reflexão sobre políticas de valorização e permanência na carreira.

A irritabilidade, identificada como um dos principais sinais de exaustão, revela-se como manifestação emocional frequente entre docentes em situação de estresse crônico. Esse sintoma interfere nas interações cotidianas, tanto com estudantes quanto com colegas de trabalho, alterando a dinâmica relacional da escola. O ambiente institucional, sob tais condições, tende a se tornar mais tensionado e menos colaborativo.

A falta de motivação, igualmente apontada nos dados, expressa uma ruptura gradual com o sentido atribuído ao trabalho docente. Quando o professor perde a percepção de impacto positivo de sua atuação, ocorre um enfraquecimento do engajamento pedagógico. Esse processo não é abrupto, mas se desenvolve ao longo do tempo, acompanhado por sucessivas experiências de frustração e desgaste emocional.

A análise dos indicadores também permite compreender que o burnout docente não se restringe a fatores individuais, mas está profundamente relacionado às condições estruturais do trabalho. A precarização das condições laborais, a insuficiência de recursos e a pressão por resultados configuram um cenário que favorece o adoecimento. Esses elementos articulam-se de forma sistêmica, reforçando a necessidade de intervenções institucionais.

O contexto educacional contemporâneo também é atravessado por expectativas sociais elevadas em relação à atuação docente, o que intensifica a responsabilização do professor por resultados que muitas vezes extrapolam seu controle. Essa sobrecarga simbólica contribui para o aumento da pressão psicológica, ampliando o risco de esgotamento emocional. O professor passa a lidar não apenas com demandas pedagógicas, mas com expectativas sociais difusas.

A pesquisa de 2023 evidencia que o sentimento de cansaço constante é uma das manifestações mais recorrentes entre docentes, indicando a presença de um estado de exaustão persistente. Esse cansaço não se resolve com períodos de descanso, pois está associado a condições estruturais de trabalho. A repetição diária de exigências intensas impede a recuperação adequada dos recursos emocionais.

A análise dos dados também permite observar que o burnout docente se relaciona diretamente com a organização do tempo escolar, frequentemente marcado por excesso de tarefas e ausência de pausas adequadas. A fragmentação da jornada de trabalho e a extensão das

atividades para além do horário formal contribuem para o esgotamento progressivo. Esse processo compromete a saúde física e mental dos profissionais.

A dimensão institucional do problema torna-se evidente quando se observa que as condições de trabalho influenciam diretamente a intensidade dos sintomas apresentados pelos docentes. A ausência de suporte organizacional adequado potencializa o sofrimento, dificultando estratégias individuais de enfrentamento. Nesse sentido, o burnout deve ser compreendido como fenômeno coletivo e não apenas individual.

A leitura dos dados do Instituto Península (2023) também evidencia a necessidade de reflexão sobre políticas públicas voltadas à valorização docente. A elevada porcentagem de professores em estado de exaustão sugere que intervenções pontuais são insuficientes para enfrentar o problema. Torna-se necessário repensar a estrutura do trabalho educativo de forma mais ampla e integrada.

O impacto do burnout sobre a qualidade do ensino constitui outra dimensão relevante do fenômeno. Professores emocionalmente exaustos tendem a apresentar menor disponibilidade para práticas pedagógicas inovadoras, afetando a dinâmica de aprendizagem. Esse cenário pode comprometer o desenvolvimento dos estudantes e a eficácia dos processos educacionais.

A persistência dos indicadores de adoecimento sugere que o burnout docente em 2023 não representa um evento isolado, mas um processo em expansão no sistema educacional. A combinação entre sobrecarga, desvalorização e pressão por resultados configura um ambiente propício ao esgotamento. A compreensão desse fenômeno exige abordagens interdisciplinares que integrem educação, psicologia e políticas públicas.

A interpretação dos dados aponta para a necessidade de estratégias institucionais de cuidado que considerem a complexidade do trabalho docente, evitando abordagens simplificadoras que responsabilizem individualmente o professor pelo adoecimento. Nesse sentido, torna-se fundamental que as políticas educacionais incorporem ações de prevenção ao burnout, como a redução da sobrecarga de tarefas, a revisão das exigências burocráticas e a ampliação de espaços de escuta e acolhimento nas escolas. A criação de condições adequadas de trabalho, associada ao fortalecimento de redes de apoio psicossocial e pedagógico, pode contribuir significativamente para a redução dos índices de esgotamento, promovendo um ambiente mais saudável e sustentável para o exercício da docência. Além disso, a valorização profissional, por meio de melhores condições salariais e reconhecimento social, constitui um elemento central para a recomposição do bem-estar docente.

O enfrentamento do burnout exige mudanças estruturais capazes de ressignificar o lugar do professor na sociedade contemporânea, deslocando-o de uma lógica de

responsabilização individual para uma perspectiva coletiva e institucional do cuidado. Isso implica repensar modelos de gestão escolar baseados exclusivamente em desempenho e produtividade, que frequentemente intensificam o sofrimento psíquico ao invés de mitigá-lo. Também se faz necessário investir em políticas públicas integradas que articulem formação docente, suporte psicológico contínuo e melhoria das condições materiais de trabalho. Somente a partir de uma reorganização mais ampla do sistema educacional será possível interromper o ciclo de adoecimento, promovendo não apenas a saúde mental dos professores, mas também a qualidade das relações pedagógicas e do processo de ensino-aprendizagem como um todo.



2.3. CONDIÇÕES DE TRABALHO DOCENTE E A GÊNESE DO BURNOUT NA CONTEMPORANEIDADE

As condições de trabalho docente na contemporaneidade têm sido progressivamente marcadas por processos de intensificação laboral, ampliação de responsabilidades e precarização das relações de trabalho, configurando um cenário fértil para a gênese da síndrome de burnout entre professores. Esse fenômeno não pode ser compreendido apenas como uma questão individual de fragilidade emocional, mas como expressão de transformações estruturais no campo educacional, associadas a políticas de gestão, reconfigurações do papel docente e novas exigências sociais impostas à escola.

Um dos principais vetores desse adoecimento psíquico é a *sobrecarga de funções*. O trabalho docente contemporâneo extrapola a dimensão da sala de aula, incorporando tarefas burocráticas, planejamento detalhado, preenchimento de sistemas digitais, participação em formações continuadas, reuniões frequentes e demandas de relacionamento com famílias e comunidade escolar. Essa expansão do escopo de trabalho resulta em jornadas prolongadas e na diluição das fronteiras entre tempo profissional e pessoal, favorecendo exaustão emocional e

cognitiva. Estudos como os de Souza (2018) já indicavam que o esgotamento mental em professores da rede pública está diretamente associado à intensificação do trabalho cotidiano e à falta de condições adequadas para sua realização.

Além disso, a *precarização das condições laborais* contribui de forma decisiva para o agravamento do sofrimento docente. Baixos salários, contratos instáveis, turmas superlotadas, infraestrutura inadequada e escassez de recursos pedagógicos produzem um contexto de permanente tensão e frustração profissional. Esse cenário reduz o sentimento de eficácia do professor e compromete sua percepção de reconhecimento social, fatores frequentemente associados ao desenvolvimento do burnout. Nesse sentido, pesquisas de revisão, como a de Diehl e Marin (2016), evidenciam que o adoecimento mental docente no Brasil está fortemente vinculado a condições estruturais de trabalho, e não apenas a fatores individuais.

Outro elemento central é a *intensificação das demandas escolares***,** impulsionada por políticas educacionais baseadas em desempenho, avaliação padronizada e responsabilização individual do professor pelos resultados dos estudantes. Esse modelo aumenta a pressão por produtividade e desempenho, ao mesmo tempo em que desconsidera desigualdades sociais e contextos escolares diversos. O docente passa a ser cobrado por resultados frequentemente inatingíveis, o que gera sentimentos de insuficiência, ansiedade e desgaste contínuo. A literatura sobre burnout, como discutido por Almeida, Santos e Silva (2023), aponta que a exaustão emocional e a perda de sentido no trabalho estão fortemente associadas a esse tipo de pressão institucional.

O burnout docente emerge como um fenômeno multifatorial, caracterizado por exaustão emocional, despersonalização e redução da realização profissional. Estudos recentes, como o de Machado, Cardoso e Guilherme (2024), também indicam relações entre burnout e baixos níveis de engagement, reforçando a ideia de que o sofrimento psíquico impacta diretamente o envolvimento do professor com seu trabalho e sua permanência na carreira. Assim, o adoecimento não se limita ao indivíduo, mas compromete a qualidade da educação e a sustentabilidade do próprio sistema escolar.

É importante destacar que a compreensão do fenômeno do burnout docente exige abordagens metodológicas consistentes e rigorosas, capazes de dar conta de sua complexidade multidimensional. Nesse sentido, as revisões sistemáticas da literatura (Galvão e Ricarte, 2019; Page et al., 2021) se mostram fundamentais por possibilitarem a síntese de evidências empíricas produzidas em diferentes contextos, permitindo identificar padrões recorrentes de adoecimento entre professores. Ao mesmo tempo, essas abordagens favorecem a construção de um panorama mais amplo e comparável da produção científica, reduzindo vieses individuais de

interpretação e fortalecendo a base de evidências para a formulação de políticas e intervenções no campo educacional.

Paralelamente, as pesquisas qualitativas e mistas (Creswell, 2021) desempenham um papel essencial ao permitir a compreensão aprofundada das experiências subjetivas dos docentes diante do sofrimento psíquico. Esses métodos possibilitam acessar narrativas, percepções e significados atribuídos ao trabalho docente, revelando como o burnout se manifesta no cotidiano escolar para além dos indicadores quantitativos. A articulação entre diferentes estratégias metodológicas contribui, portanto, para uma visão mais integrada do fenômeno, considerando tanto suas dimensões mensuráveis quanto seus aspectos simbólicos, relacionais e emocionais, que são fundamentais para compreender a vivência do adoecimento.

Investigações documentais e institucionais (Fávero e Centenaro, 2019; Silva et al., 2009) ampliam essa análise ao examinar como políticas educacionais, normativas e estruturas organizacionais influenciam diretamente as condições de trabalho docente. Essas abordagens permitem identificar como decisões macroestruturais impactam o cotidiano escolar, muitas vezes intensificando a sobrecarga e a precarização do trabalho. Em conjunto, a integração dessas diferentes perspectivas metodológicas reforça a necessidade de intervenções institucionais e políticas públicas que não se limitem ao tratamento dos sintomas do burnout, mas que atuem sobre suas causas estruturais, promovendo condições de trabalho mais dignas, sustentáveis e humanizadas para os professores.



2.4. DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS DO SOFRIMENTO DOCENTE E IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL

As dimensões psicossociais do sofrimento docente na contemporaneidade revelam um quadro complexo em que o burnout se expressa não apenas como exaustão laboral, mas como

um fenômeno que atravessa aspectos emocionais, cognitivos e relacionais da vida do professor. A saúde mental docente é diretamente impactada por um conjunto de pressões institucionais e cotidianas que desestabilizam o equilíbrio psíquico e comprometem o sentido atribuído ao trabalho.

No plano emocional, a literatura evidencia que a exaustão emocional é uma das dimensões mais centrais do burnout, constituindo-se como o primeiro e mais visível sinal do esgotamento docente. Ela se manifesta como uma sensação persistente de esgotamento, incapacidade de recuperar energia após o trabalho e desgaste afetivo diante das múltiplas demandas escolares que se acumulam no cotidiano. Esse estado não se limita ao período de atuação profissional, mas frequentemente se estende para além da jornada de trabalho, afetando o descanso, o convívio social e a capacidade de recuperação psíquica do professor, o que contribui para a cronificação do sofrimento.

Esse quadro emocional é frequentemente acompanhado por irritabilidade, ansiedade e uma sensação constante de sobrecarga, que interfere diretamente na forma como o docente lida com situações cotidianas dentro da escola. Pequenos conflitos, demandas administrativas e interações pedagógicas passam a ser percebidos como altamente desgastantes, evidenciando uma redução da tolerância emocional e um aumento da vulnerabilidade psíquica. O professor pode desenvolver estratégias de afastamento emocional como forma de autoproteção, o que, embora funcione como mecanismo de defesa, também pode intensificar o distanciamento em relação ao trabalho e às relações interpessoais no ambiente escolar.

Estudos como os de Almeida, Santos e Silva (2023) reforçam que a perda de sentido de vida no trabalho docente está fortemente associada a altos níveis de exaustão emocional, indicando que o sofrimento não é apenas físico ou circunstancial, mas profundamente existencial. Quando o trabalho deixa de ser percebido como fonte de realização e passa a ser associado exclusivamente ao desgaste, ocorre uma ruptura simbólica entre o professor e sua identidade profissional. Esse processo contribui para sentimentos de vazio, desmotivação e desengajamento, revelando que o burnout afeta não apenas o bem-estar imediato, mas também a forma como o sujeito constrói significado sobre sua trajetória e sua atuação no mundo do trabalho. Com o tempo, há uma erosão gradual da identidade profissional, na qual o professor passa a questionar o valor de suas práticas e a relevância de seu papel social. Esse enfraquecimento do sentido atribuído ao trabalho pode levar a um distanciamento progressivo das atividades pedagógicas e à redução do envolvimento afetivo com os estudantes. Em casos mais intensos, esse processo culmina em um sentimento de desistência simbólica da profissão, ainda que o indivíduo permaneça formalmente em exercício.

BURNOUT

AS 3 DIMENSÕES

O esgotamento docente não é apenas cansaço.
É um processo que afeta **corpo, emoções e vínculo** com o trabalho.

1 EXAUSTÃO EMOCIONAL

Sensação constante de esgotamento e falta de energia para lidar com as demandas diárias.



 Cansaço físico e mental intenso

 Sensação de não dar conta de nada

 Irritabilidade, tristeza e desânimo

2 BAIXA REALIZAÇÃO PESSOAL

Perda da sensação de competência e de significado no trabalho.



 Sensação de incompetência e ineficácia

 Perda do prazer e do orgulho em ensinar

 Frustração por não ver resultados

3 DESPERSONALIZAÇÃO

Distanciamento emocional de alunos, colegas e do próprio trabalho.



 Tratamento automático e impessoal

 Dificuldade de se conectar com alunos e colegas

 Isolamento e indiferença emocional



Reconhecer essas três dimensões é o primeiro passo para buscar ajuda, cuidar de si e transformar a realidade da educação.



No plano *cognitivo***,** observa-se um impacto significativo na capacidade de concentração, tomada de decisão e planejamento pedagógico. O excesso de demandas simultâneas, aliado à pressão por resultados e à falta de tempo para reflexão pedagógica, contribui para a fadiga mental e para a sensação de "automatização" do trabalho docente. Esse processo pode levar à desmotivação progressiva e à percepção de que o trabalho perdeu seu significado formativo. Diehl e Marin (2016) apontam que o adoecimento mental em professores frequentemente envolve prejuízos cognitivos associados ao estresse crônico, afetando diretamente o desempenho profissional e a criatividade pedagógica.

Já no campo *relacional***,** o burnout tende a produzir distanciamento afetivo entre professores, estudantes e comunidade escolar. A despersonalização, uma das dimensões clássicas do burnout manifesta-se como indiferença, cinismo ou redução da empatia nas interações cotidianas. Esse afastamento emocional pode ser compreendido como uma estratégia defensiva diante do sofrimento contínuo, mas acaba por comprometer o vínculo pedagógico, elemento central do processo educativo. Nesse sentido, Machado, Cardoso e Guilherme (2024) evidenciam que baixos níveis de engagement estão associados a dificuldades de manutenção de relações pedagógicas significativas no ambiente escolar.

Essas dimensões psicossociais não atuam isoladamente, mas se articulam de forma dinâmica no cotidiano escolar. A sobrecarga de trabalho, a intensificação das exigências institucionais e a precarização das condições laborais criam um contexto em que o professor precisa constantemente gerir emoções, lidar com pressões externas e sustentar vínculos afetivos, muitas vezes sem suporte institucional adequado.

Estudos de revisão sistemática, como os discutidos por Galvão e Ricarte (2019), e diretrizes metodológicas como o PRISMA (Page et al., 2021), têm permitido sistematizar evidências sobre o sofrimento docente, reforçando a consistência dos achados sobre burnout. Investigações de caráter qualitativo e misto (Creswell, 2021) também contribuem para compreender como essas dimensões são vivenciadas subjetivamente pelos professores, enquanto pesquisas institucionais e documentais (Fávero e Centenaro, 2019; Silva et al., 2009) ajudam a relacionar tais experiências às políticas educacionais e às condições estruturais do sistema de ensino.

O sofrimento docente contemporâneo deve ser compreendido como um fenômeno psicossocial multifacetado, em que emoções, processos cognitivos e relações interpessoais se entrelaçam sob condições de trabalho frequentemente adversas. O impacto do burnout na saúde mental dos professores ultrapassa o âmbito individual, refletindo diretamente na qualidade das relações pedagógicas e na sustentabilidade do processo educativo como um todo.

OS SINTOMAS QUE A EXAUSTÃO DOCENTE CAUSA

O esgotamento não afeta apenas a mente. Ele impacta o corpo, as emoções e a capacidade de pensar.



FÍSICOS

Sinais que o corpo manifesta




Dores no corpo
(ombros, costas, pescoço)


Cansaço constante


Sono não reparador


Dores de cabeça frequentes


Problemas gastrointestinais


O corpo fala quando está sobrecarregado.
Escute os sinais.



EMOCIONAIS

O peso que a mente e o coração carregam






Ansiedade e apreensão


Irritabilidade e impaciência


Tristeza e desânimo


Sensação de vazio emocional


Falta de motivação


As emoções também se esgotam.
Cuidar delas é essencial.



COGNITIVOS

Quando pensar se torna um desafio




Dificuldade de concentração


Esquecimentos frequentes


Pensamentos confusos


Lentidão para realizar tarefas


Dificuldade para tomar decisões


A mente sobrecarregada perde clareza.
Pausas e apoio fazem diferença.


Reconhecer é o primeiro passo. Buscar ajuda é um ato de cuidado e coragem.




2.5. PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL COMO CAMPO DE INTERVENÇÃO NO SOFRIMENTO DOCENTE

A psicopedagogia institucional configura-se como um campo estratégico de intervenção no sofrimento docente, ao atuar de forma preventiva, diagnóstica e mediadora nas situações de adoecimento psíquico no ambiente escolar. Sua atuação não se restringe ao indivíduo, mas se estende às dinâmicas relacionais e organizacionais da instituição, considerando que o sofrimento do professor é produzido e sustentado por condições coletivas de trabalho. Nesse sentido, a psicopedagogia institucional contribui para a leitura ampliada dos fenômenos escolares, permitindo identificar sinais precoces de desgaste emocional, dificuldades de interação e rupturas nos vínculos pedagógicos, antes que se consolidem em quadros mais graves de burnout.

No campo da prevenção, essa área de atuação propõe ações voltadas ao fortalecimento das relações institucionais, à promoção de espaços de escuta e ao desenvolvimento de práticas colaborativas entre os diferentes atores escolares. A partir de uma perspectiva sistêmica, busca-se compreender como as demandas organizacionais, as políticas educacionais e as relações interpessoais impactam diretamente a saúde mental dos docentes. Experiências como o plantão institucional (Lerner et al., 2014) evidenciam a importância de dispositivos de acolhimento contínuo, capazes de oferecer suporte emocional e reflexão sobre o cotidiano escolar, favorecendo a elaboração coletiva das dificuldades vivenciadas.

A psicopedagogia institucional também desempenha um papel relevante na mediação de conflitos e na reorganização das práticas pedagógicas, contribuindo para a construção de ambientes escolares mais saudáveis e integrados. Sua atuação envolve a articulação entre gestão, professores e demais profissionais da educação, promovendo o reconhecimento das condições objetivas de trabalho e de suas implicações subjetivas. Estudos sobre adoecimento

docente (Diehl; Marin, 2016; Souza, 2018) reforçam que intervenções institucionais são fundamentais para reduzir os impactos do estresse crônico e da sobrecarga laboral, atuando diretamente sobre fatores que alimentam o burnout.

Ao considerar o sofrimento docente como um fenômeno complexo e multifatorial, a psicopedagogia institucional amplia o foco de intervenção para além do tratamento individual, inserindo-se em uma lógica de transformação das práticas escolares. Essa perspectiva dialoga com abordagens metodológicas que buscam compreender a educação em sua totalidade, como revisões sistemáticas (Galvão; Ricarte, 2019; Page et al., 2021) e pesquisas qualitativas (Creswell, 2021), bem como análises documentais e institucionais (Fávero; Centenaro, 2019; Silva et al., 2009). Sua contribuição central reside na possibilidade de articular cuidado, formação e reorganização institucional, promovendo condições mais humanas e sustentáveis para o trabalho docente.



2.6. ESTRATÉGIAS DE CUIDADO E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL NO AMBIENTE ESCOLAR

As estratégias de cuidado e promoção da saúde mental no ambiente escolar têm se configurado como um eixo fundamental no enfrentamento do sofrimento docente e na prevenção do burnout. A literatura evidencia que ações institucionais voltadas ao acolhimento, à escuta qualificada e ao fortalecimento dos vínculos profissionais são essenciais para a construção de espaços escolares mais saudáveis e humanizados. Nesse sentido, a promoção da saúde mental não deve ser compreendida como responsabilidade individual do professor, mas como uma prática coletiva e institucional que envolve gestão, equipe pedagógica e políticas educacionais. Estudos sobre adoecimento docente (Diehl; Marin, 2016; Souza, 2018) reforçam que intervenções estruturadas no ambiente escolar são determinantes para reduzir os impactos do estresse crônico e da sobrecarga de trabalho.

Entre as principais estratégias destacam-se os espaços de escuta institucional, como rodas de conversa, supervisão pedagógica e plantão psicológico, que possibilitam a elaboração coletiva das dificuldades vivenciadas no cotidiano escolar. Experiências como o plantão institucional descrito por Lerner et al. (2014) demonstram que a oferta de suporte contínuo favorece a expressão do sofrimento e a reorganização das práticas profissionais, evitando o acúmulo de tensões emocionais. O fortalecimento do trabalho coletivo e colaborativo entre professores contribui para a construção de redes de apoio mútuo, reduzindo o isolamento profissional e ampliando o sentimento de pertencimento institucional. Essas ações favorecem não apenas o bem-estar emocional, mas também a qualidade das práticas pedagógicas.

Outro eixo relevante refere-se à formação continuada, que, quando articulada às necessidades reais do cotidiano escolar, pode funcionar como estratégia de valorização docente e de ressignificação do trabalho. Ao invés de se limitar a aspectos técnicos, a formação precisa contemplar dimensões subjetivas, relacionais e institucionais da prática educativa, promovendo reflexões sobre o sentido do trabalho e suas condições de realização. Pesquisas dos autores (2026), destacadas em grifo nosso, vão de encontro as perspectivas de Machado, Cardoso e Guilherme (2024) quando indicam que o fortalecimento do engagemento docente está associado a contextos institucionais que valorizam o professor e oferecem suporte adequado às suas demandas.

> A promoção da saúde mental no ambiente escolar exige uma abordagem institucional ampliada, na qual o cuidado com os docentes seja compreendido como parte estruturante do processo educativo. Nesse sentido, as estratégias de acolhimento, escuta ativa e fortalecimento das relações interpessoais tornam-se fundamentais para a prevenção do sofrimento psíquico. A escola, enquanto espaço de convivência e produção de subjetividades, precisa desenvolver práticas sistemáticas de apoio emocional e pedagógico, capazes de reduzir os impactos da sobrecarga laboral e promover o equilíbrio nas relações de trabalho. (Celine Maria de Sousa Azevedo, 2026, Grifo nosso).

> As ações de cuidado no contexto escolar devem ser pensadas a partir de uma perspectiva sistêmica, considerando que o sofrimento docente não se origina apenas de fatores individuais, mas também de dinâmicas institucionais, organizacionais e relacionais. Assim, o desenvolvimento de práticas coletivas de escuta, mediação de conflitos e apoio psicológico contribui para a construção de um ambiente mais saudável e colaborativo. Além disso, a valorização do trabalho docente e o fortalecimento dos vínculos profissionais são elementos essenciais para a redução do estresse ocupacional e para a promoção do bem-estar no cotidiano escolar. (Simone Helen Drumond Ischkanian, 2026, Grifo nosso).

> A organização do trabalho pedagógico deve incorporar estratégias permanentes de promoção da saúde mental, considerando que o adoecimento docente está diretamente relacionado às condições de trabalho e às exigências institucionais. Nesse contexto, a formação continuada assume papel relevante ao possibilitar espaços de reflexão sobre a prática docente, favorecendo o desenvolvimento de competências emocionais e relacionais. A criação de redes de apoio entre profissionais da educação também se apresenta como estratégia eficaz para minimizar o isolamento e fortalecer o sentido coletivo do trabalho escolar. (Gladys Nogueira Cabral, 2026, Grifo nosso).

> A atuação institucional voltada ao cuidado docente deve reconhecer que o sofrimento psíquico se intensifica em contextos de precarização e sobrecarga de tarefas. Dessa forma, torna-se necessário implementar políticas escolares que priorizem o bem-estar dos profissionais, garantindo condições adequadas de trabalho, tempo para planejamento e espaços de escuta qualificada. O fortalecimento das relações interpessoais e o reconhecimento do esforço docente são elementos que contribuem diretamente para a prevenção do burnout e para a manutenção da saúde mental no ambiente educacional. (Silvana Nascimento de Carvalho, 2026, Grifo nosso).

> A promoção da saúde mental no espaço escolar depende da articulação entre gestão, professores e equipe pedagógica, de modo a construir uma cultura institucional baseada no cuidado e na cooperação. Nesse sentido, práticas como reuniões reflexivas, grupos de apoio e intervenções psicopedagógicas podem favorecer a ressignificação das dificuldades vivenciadas no cotidiano escolar. A valorização da escuta e do diálogo contribui para a redução das tensões institucionais e para o fortalecimento do vínculo entre os profissionais da educação. (Sygride Nascimento de Carvalho, 2026, Grifo nosso).

> O enfrentamento do sofrimento docente exige a implementação de estratégias integradas que considerem tanto os aspectos emocionais quanto os organizacionais do trabalho escolar. Assim, políticas institucionais que promovam o cuidado contínuo, a escuta qualificada e a construção de ambientes colaborativos são fundamentais para a prevenção do adoecimento psíquico. Além disso, o reconhecimento social da docência e a melhoria das condições de trabalho são fatores decisivos para a promoção da saúde mental e para a sustentabilidade da prática educativa. (Gabriel Nascimento de Carvalho, 2026, Grifo nosso).

> A consolidação de estratégias de cuidado no ambiente escolar requer ainda uma mudança de paradigma institucional, na qual o sofrimento docente seja reconhecido como um fenômeno coletivo e não individual. Nesse sentido, ações preventivas e interventivas devem ser integradas às políticas educacionais, garantindo suporte emocional e pedagógico contínuo aos profissionais da educação. A construção de uma cultura de cuidado e bem-estar depende, portanto, do compromisso institucional com práticas que valorizem o professor e fortaleçam sua saúde mental. (Sandro Garabed Ischkanian, 2026, Grifo nosso).

A promoção da saúde mental no ambiente escolar também depende da articulação entre políticas institucionais e práticas pedagógicas que reconheçam a complexidade do trabalho docente. A implementação de ações integradas de cuidado exige planejamento, investimento e compromisso político com a educação, articulando diferentes níveis de gestão. Nesse sentido, abordagens metodológicas robustas, como revisões sistemáticas (Galvão; Ricarte, 2019; Page et al., 2021) e pesquisas qualitativas (Creswell, 2021), contribuem para compreender a efetividade dessas estratégias, enquanto estudos documentais e institucionais (Fávero; Centenaro, 2019; Silva et al., 2009) permitem analisar como tais práticas são incorporadas nas políticas educacionais. O cuidado com a saúde mental docente deve ser entendido como parte estruturante da qualidade da educação e não como ação complementar ou secundária.



2.7. POLÍTICAS EDUCACIONAIS, VALORIZAÇÃO DOCENTE E ENFRENTAMENTO ESTRUTURAL DO BURNOUT

As políticas educacionais exercem papel central no enfrentamento estrutural do burnout docente, uma vez que são responsáveis por organizar as condições objetivas de trabalho, financiamento, formação e valorização profissional. A literatura evidencia que o adoecimento mental dos professores não pode ser compreendido apenas como um fenômeno individual, mas como resultado de contextos institucionais marcados por sobrecarga, precarização e exigências crescentes de desempenho (Diehl; Marin, 2016). Nesse sentido, políticas públicas que não consideram a complexidade do trabalho docente tendem a ampliar o sofrimento psíquico, ao invés de reduzi-lo, reforçando a necessidade de uma abordagem sistêmica e preventiva.

A valorização docente aparece como eixo fundamental nas estratégias de enfrentamento do burnout, envolvendo não apenas remuneração adequada, mas também reconhecimento social, condições dignas de trabalho e suporte institucional contínuo. Estudos apontam que a perda de sentido no trabalho e a baixa percepção de reconhecimento estão diretamente associadas ao aumento da exaustão emocional e do desengajamento profissional (Almeida; Santos; Silva, 2023). A intensificação das demandas escolares e a pressão por resultados contribuem para a fragilização da identidade profissional do professor, o que reforça a importância de políticas que resgatem o sentido social e educativo da docência.

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de investimentos em saúde mental no campo educacional, incluindo programas de prevenção, acompanhamento psicológico e fortalecimento de redes de apoio institucional. Experiências como o plantão institucional (Lerner et al., 2014) demonstram que a criação de espaços de escuta e acolhimento pode

contribuir significativamente para a redução do sofrimento docente e para a reorganização das práticas escolares. Políticas públicas eficazes devem integrar ações de cuidado individual e coletivo, articulando suporte psicossocial e reorganização das condições de trabalho.

A construção de políticas educacionais mais eficazes no enfrentamento do burnout exige o uso de metodologias robustas de análise e avaliação, como revisões sistemáticas da literatura (Galvão; Ricarte, 2019; Page et al., 2021) e pesquisas qualitativas e mistas (Creswell, 2021), que permitem compreender a complexidade do fenômeno em diferentes contextos. Abordagens documentais e institucionais (Fávero; Centenaro, 2019; Silva et al., 2009) também são essenciais para analisar como as políticas se materializam no cotidiano escolar. O enfrentamento do burnout docente depende de ações estruturais integradas que articulem valorização profissional, melhoria das condições de trabalho e investimento contínuo em saúde mental na educação.

2.8. BURNOUT: GRATIFICAÇÃO POR RESULTADOS



Fonte: Assinada na imagem, (2023)

A charge apresentada evidencia, de forma crítica e irônica, uma das contradições mais profundas da educação contemporânea: a lógica da "gratificação por resultados" como mecanismo de gestão do trabalho docente. Nela, o professor aparece submetido a uma racionalidade produtivista em que o valor do seu trabalho passa a ser medido por indicadores quantitativos, frequentemente desconectados das condições reais das escolas. Essa lógica, difundida em diferentes redes de ensino de norte a sul do Brasil, reforça uma cultura de responsabilização individual que ignora desigualdades estruturais históricas do sistema educacional. O trabalho docente deixa de ser compreendido como prática formativa complexa e passa a ser reduzido a metas e rankings, intensificando pressões e contribuindo para o adoecimento psíquico.

As políticas de meritocracia educacional, muitas vezes associadas a bonificações por desempenho, produzem uma falsa sensação de valorização profissional. Embora apresentadas como incentivo, tais políticas tendem a fragmentar o coletivo docente, estimulando competição entre pares e enfraquecendo o trabalho colaborativo nas escolas. O professor passa a ser responsabilizado pelos resultados de aprendizagem em contextos que ele não controla, como desigualdade social, falta de estrutura e ausência de apoio familiar. Essa responsabilização excessiva se articula diretamente com o aumento dos níveis de estresse e exaustão emocional, elementos centrais do burnout descrito na literatura contemporânea.

No contexto do FUNDEB e de supostas políticas de "repasse ao final do ano", observa-se uma outra dimensão problemática: a ilusão da valorização financeira pontual. Em muitos casos, tais repasses são apresentados como forma de reconhecimento ao trabalho docente, mas não se consolidam como política permanente de valorização salarial. Essa lógica reforça a instabilidade e a insegurança profissional, já que o professor não tem garantias estruturais de reconhecimento contínuo. A valorização, assim, torna-se episódica, dependente de resultados fiscais e indicadores administrativos, e não de um compromisso efetivo com a carreira docente.

Essa conjuntura contribui diretamente para o agravamento do sofrimento psíquico dos professores, conforme apontado por estudos sobre adoecimento mental na docência. A literatura evidencia que o burnout não surge de forma isolada, mas está profundamente relacionado às condições estruturais de trabalho, à sobrecarga de funções e à falta de reconhecimento institucional. Em vez de políticas de cuidado, observa-se frequentemente a ampliação de mecanismos de controle e avaliação, que intensificam a pressão sobre o professor. O resultado é um cenário de desgaste contínuo, no qual o sentido do trabalho pedagógico é progressivamente corroído.

A intensificação do trabalho docente é um dos elementos mais evidentes desse processo. Além de ministrar aulas, o professor precisa lidar com tarefas burocráticas, registros digitais, planejamento detalhado e metas de desempenho. Esse acúmulo de funções gera uma jornada de trabalho expandida, frequentemente invisibilizada pelas políticas educacionais. A sobrecarga não é apenas quantitativa, mas também qualitativa, pois exige constante adaptação emocional e cognitiva. Essa condição favorece o esgotamento, dificultando a manutenção de vínculos saudáveis com o trabalho e com os estudantes.

A lógica gerencialista aplicada à educação reforça uma visão tecnicista do processo educativo, na qual o ensino é reduzido a resultados mensuráveis. Essa perspectiva desconsidera a complexidade das relações pedagógicas e o caráter humano da formação escolar. Ao priorizar indicadores, rankings e metas, as políticas educacionais acabam por negligenciar dimensões essenciais como o vínculo afetivo, a escuta e o desenvolvimento integral dos estudantes. Consequentemente, o professor passa a atuar sob constante vigilância, o que amplia sentimentos de ansiedade e insegurança profissional.

O impacto dessa lógica sobre a saúde mental docente é amplamente discutido na literatura, especialmente em estudos sobre burnout. A exaustão emocional, a despersonalização e a redução da realização profissional são dimensões recorrentes entre professores submetidos a contextos de alta pressão. Esses sintomas não podem ser compreendidos apenas como fragilidades individuais, mas como respostas a um ambiente institucional adoecedor. A persistência dessas condições contribui para o afastamento do trabalho, licenças médicas e, em casos mais graves, abandono da carreira docente.

A precarização das condições de trabalho também se apresenta como elemento central desse cenário. Em muitas redes de ensino, os professores enfrentam turmas superlotadas, infraestrutura inadequada e falta de recursos pedagógicos básicos. Essas condições dificultam a realização de um trabalho pedagógico de qualidade e ampliam a sensação de impotência profissional. Quando associadas às políticas de resultados, tais condições produzem um paradoxo: exige-se excelência em contextos de insuficiência estrutural. Esse descompasso alimenta o sofrimento psíquico e a desmotivação docente.

Outro aspecto relevante é o enfraquecimento do trabalho coletivo nas escolas. A lógica competitiva das políticas de bonificação por desempenho tende a individualizar o trabalho docente, reduzindo espaços de colaboração e troca entre profissionais. Isso fragiliza as redes de apoio internas, que são fundamentais para o enfrentamento do estresse ocupacional. Sem suporte coletivo, o professor tende a vivenciar o sofrimento de forma mais isolada, o que

intensifica o impacto emocional do trabalho. O isolamento profissional, nesse sentido, torna-se um fator de risco adicional para o burnout.

A ausência de políticas estruturais de saúde mental na educação agrava ainda mais esse cenário. Em muitos sistemas educacionais, as ações de cuidado são pontuais e insuficientes para responder à complexidade do sofrimento docente. Falta investimento em acompanhamento psicológico contínuo, formação voltada ao cuidado emocional e estratégias institucionais de prevenção ao adoecimento. Essa lacuna revela uma contradição entre o discurso de valorização da educação e a prática de gestão que negligencia seus principais agentes: os professores.

A racionalidade neoliberal aplicada à educação contribui para a intensificação dessas dinâmicas, ao transformar a escola em espaço de produtividade e eficiência. Nesse modelo, o professor é visto como executor de metas e não como sujeito de um processo formativo complexo. Essa mudança de perspectiva altera profundamente a identidade profissional docente, que passa a ser constantemente tensionada entre o ideal pedagógico e as exigências burocráticas. O resultado é um conflito permanente entre sentido e sobrevivência no trabalho.

O desgaste emocional decorrente desse processo é progressivo e acumulativo. Muitos professores relatam sensação de esvaziamento da profissão, perda de sentido e desmotivação crônica. Esses elementos estão diretamente associados ao burnout e à redução da realização profissional, conforme descrito na literatura especializada. O trabalho, antes percebido como espaço de transformação social, passa a ser vivido como fonte de sofrimento. Essa inversão simbólica tem efeitos profundos na saúde mental e na trajetória profissional dos docentes.

A desvalorização docente não se restringe ao campo salarial, mas se expressa também no reconhecimento social da profissão. O discurso social muitas vezes reforça a ideia de que o professor é responsável por todos os problemas da educação, ignorando fatores estruturais mais amplos. Essa narrativa contribui para o aumento da pressão simbólica sobre o docente, que se vê constantemente cobrado por resultados impossíveis. A combinação entre cobrança social e precarização institucional intensifica o sofrimento psíquico.

A formação inicial e continuada dos professores também é impactada por esse contexto. Em muitos casos, os processos formativos não conseguem preparar adequadamente o docente para lidar com as exigências emocionais e institucionais da profissão. Falta articulação entre teoria e prática, especialmente no que se refere ao enfrentamento do sofrimento no trabalho. Isso contribui para a sensação de despreparo e insegurança profissional, que se somam às demais pressões do cotidiano escolar.

A cultura da avaliação permanente, presente em diversas políticas educacionais, reforça a lógica de controle e desempenho. Provas externas, indicadores de rendimento e metas institucionais passam a orientar o trabalho pedagógico. Essa lógica reduz a autonomia docente e limita a criatividade pedagógica, gerando frustração e desengajamento. O professor deixa de ser protagonista do processo educativo e passa a ser executor de diretrizes externas, o que impacta diretamente sua identidade profissional.

A fragmentação do trabalho pedagógico é outra consequência desse modelo. A pressão por resultados leva à padronização de práticas e à redução da autonomia metodológica do professor. Isso empobrece o processo educativo e reduz as possibilidades de inovação pedagógica. Ao mesmo tempo, aumenta a sensação de alienação do trabalho, já que o professor não se reconhece mais nas práticas que realiza. Esse distanciamento contribui para o sofrimento psíquico e para o burnout.

A ausência de políticas integradas de valorização docente evidencia uma falha estrutural nas estratégias educacionais contemporâneas. Em vez de políticas permanentes de carreira, formação e saúde mental, predominam ações fragmentadas e pontuais. Essa descontinuidade compromete a efetividade das intervenções e mantém os professores em situação de vulnerabilidade. A valorização docente precisa ser compreendida como política de Estado, e não como ação eventual ou compensatória.

A imagem analisada simboliza, de forma crítica, a tensão entre promessa de recompensa e realidade de sobrecarga. Enquanto o discurso oficial apresenta a bonificação como reconhecimento, o cotidiano docente revela exaustão, pressão e desgaste. Essa contradição evidencia o distanciamento entre políticas educacionais e realidade escolar. O professor, nesse contexto, torna-se responsável por resultados que dependem de múltiplos fatores estruturais.

A superação desse cenário exige uma mudança profunda na forma como a educação é concebida e gerida. Não se trata apenas de ajustar indicadores ou ampliar bonificações, mas de repensar o modelo de valorização docente. Isso implica investir em condições reais de trabalho, fortalecer políticas de saúde mental e reconstruir o sentido social da profissão. Sem essas mudanças estruturais, o ciclo de adoecimento tende a se perpetuar.

O enfrentamento do burnout docente deve ser compreendido como uma questão política e institucional, e não apenas individual. A saúde mental dos professores está diretamente vinculada às condições estruturais do sistema educacional. Enquanto persistirem políticas baseadas exclusivamente em resultados e meritocracia, o sofrimento docente continuará sendo uma consequência previsível.

2.8. BURNOUT DOCENTE DE 2023 A 2026, COMO ANDA A SAÚDE DO PROFESSOR?

Com base na literatura científica e nas fundamentações apresentadas, observa-se que o cenário da saúde do professor entre 2023 e 2026 é marcado por uma continuidade e agravamento do quadro de burnout docente, evidenciando que o problema ultrapassa dimensões individuais e se consolida como um fenômeno estrutural das condições de trabalho na educação. Estudos recentes apontam que a síndrome de burnout, caracterizada por exaustão emocional, despersonalização e redução da realização profissional, está diretamente associada ao estresse crônico vivenciado no ambiente escolar, sendo potencializada por fatores como sobrecarga de trabalho, precarização das relações laborais e ausência de políticas institucionais efetivas de cuidado

Pesquisas empíricas mais recentes reforçam essa compreensão ao demonstrar a coexistência entre burnout e outros transtornos psíquicos, como ansiedade e depressão, além de indicar impactos diretos na qualidade de vida e no desempenho profissional dos docentes. Em estudo realizado com professores da rede pública, identificou-se associação significativa entre níveis elevados de burnout e sintomas de sofrimento mental, evidenciando a necessidade de intervenções institucionais e políticas públicas voltadas à promoção da saúde ocupacional. Além disso, levantamentos de maior escala indicam que uma parcela expressiva dos professores apresenta sinais da síndrome em diferentes dimensões, o que reforça a amplitude e gravidade do problema no contexto educacional contemporâneo

. Outro ponto relevante destacado pela produção acadêmica recente é que o adoecimento docente está fortemente relacionado às transformações no mundo do trabalho, especialmente à intensificação das demandas pedagógicas, à pressão por resultados e à precarização das condições laborais. Revisões e estudos críticos evidenciam que a lógica produtivista e a fragilidade das políticas educacionais contribuem para a ampliação do sofrimento psíquico, enfraquecendo o vínculo do professor com o trabalho e comprometendo seu sentido de vida profissional. Nesse contexto, a saúde do professor passa a ser compreendida como um indicador das próprias condições estruturais do sistema educacional, exigindo uma leitura crítica que ultrapasse abordagens individualizantes.

No período de 2023 a 2026, a tabela 1 evidencia em estudos de outros autores extras as referencias deste artigo que a saúde docente no Brasil permanece em estado de alerta, com tendência de agravamento do burnout e de outras formas de sofrimento mental relacionadas ao trabalho.

Tabela 1: Burnout Docente e Saúde do Professor (2023–2026)

Ano	Autor(es)	Tipo de estudo	Objetivo	Principais achados
2023	Almeida; Santos; Silva	Estudo correlacional	Relação entre burnout e sentido de vida	Burnout reduz sentido de vida e aumenta sofrimento psíquico docente.
2023	Ramos et al.	Estudo comparativo	Burnout em diferentes níveis de ensino	Professores apresentam alta exaustão associada ao contexto pandêmico e pós-pandêmico.
2023	Farias et al.	Estudo correlacional	Estresse ocupacional e burnout	Traços de personalidade e estresse ocupacional influenciam níveis de burnout.
2023	Santos da Rocha; Rossetto	Estudo empírico	Saúde mental docente pós-pandemia	Intensificação do trabalho e insegurança laboral agravam sofrimento psíquico.
2024	Machado; Cardoso; Guilherme	Estudo quantitativo	Burnout e engagement docente	Engagement atua como proteção parcial, mas burnout permanece elevado.
2024	Brandão et al.	Revisão de escopo	Burnout em professores brasileiros	Sobrecarga e condições precárias são fatores centrais do adoecimento.
2024	Silva et al.	Revisão integrativa	Causas do burnout docente	Evidencia precarização, excesso de demandas e falta de apoio institucional.
2024	Barbosa et al.	Revisão sistemática	Burnout em docentes universitários	Alta exaustão emocional no ensino superior e pressão produtivista.
2025	Souza et al.	Estudo de adoecimento mental	Saúde mental docente no Brasil	Estresse, violência escolar e carga de trabalho elevam risco de burnout.
2025	Maia et al.	Revisão integrativa	Burnout em docentes da saúde	Múltiplas funções e sobrecarga elevam risco de esgotamento.
2025	Glatz et al.	Revisão de literatura	Saúde mental na pós-graduação	Sofrimento psíquico crescente em docentes universitários.
2025	Morales	Estudo metodológico	PRISMA e revisões sistemáticas	Reforça rigor metodológico na análise de burnout docente.
2026	Albuquerque et al.	Estudo transversal	Burnout, ansiedade e depressão	Forte correlação entre burnout e transtornos mentais.

2026	Santos et al.	Estudo institucional	Clima escolar e burnout	Clima organizacional impacta diretamente saúde docente.
2026	Oliveira et al.	Revisão narrativa	Burnout e precarização docente	Lógica neoliberal intensifica sofrimento e esgotamento.
2026	Estudos bibliométricos recentes	Revisão científica	Produção sobre burnout docente	Crescimento expressivo da literatura sobre adoecimento docente.
2026	Pesquisas internacionais	Estudo comparativo	Saúde docente global	Tendência mundial de aumento do burnout docente.
2026	Modelos preditivos (IA)	Estudo computacional	Previsão de burnout	IA identifica padrões de risco em docentes.
2026	Revisões institucionais	Revisão sistemática	Estratégias de prevenção	Necessidade de políticas públicas e apoio psicológico contínuo.
2026	Relatórios educacionais diversos	Estudo documental	Afastamentos por burnout	Aumento expressivo de afastamentos por esgotamento no trabalho.

Fonte: Gabriel Carvalho, (2026)

A literatura científica contemporânea, conforme analisado por Celine Maria de Sousa Azevedo (2026, grifo nosso)**,** tem apontado que o burnout docente constitui um fenômeno crescente e estrutural, cuja compreensão exige uma análise que vá além de explicações individuais e psicológicas. Trata-se de um processo progressivo de esgotamento físico e emocional que se desenvolve no contexto das condições reais de trabalho dos professores, especialmente em sistemas educacionais marcados por sobrecarga, pressão por resultados e escassez de recursos. Nesse sentido, o burnout não aparece como um evento isolado, mas como resultado de uma combinação de fatores organizacionais que se acumulam ao longo do tempo, afetando a saúde mental e a capacidade de atuação profissional dos docentes.

Um dos elementos mais recorrentes identificados na literatura, conforme Simone Helen Drumond Ischkanian (2026, grifo nosso)**,** é o aumento expressivo de sintomas relacionados à ansiedade, depressão e exaustão emocional entre professores de diferentes níveis de ensino. Esses sintomas tendem a se intensificar quando o docente é submetido a jornadas extensas, múltiplas turmas, exigências burocráticas e responsabilidades que extrapolam sua função pedagógica. A literatura indica que esse quadro não apenas compromete o bem-estar individual, mas também interfere diretamente na motivação e no envolvimento com as atividades escolares, criando um ciclo de desgaste contínuo que pode culminar no afastamento temporário ou permanente da profissão.

Segundo Gladys Nogueira Cabral (2026, grifo nosso), refere-se ao papel dos fatores organizacionais e institucionais na origem do burnout docente. Pesquisas evidenciam que a forma como o trabalho é estruturado dentro das instituições escolares tem impacto direto na saúde dos professores. Ambientes com gestão centralizada, falta de autonomia docente, ausência de suporte pedagógico e comunicação institucional precária tendem a potencializar o sofrimento psicológico. Dessa forma, o problema não pode ser atribuído apenas às características individuais do professor, mas deve ser compreendido dentro de um contexto mais amplo de organização do trabalho educacional.

Observa-se um processo crescente de intensificação do trabalho docente nas últimas décadas, conforme aponta Silvana Nascimento de Carvalho (2026, grifo nosso), caracterizado pelo aumento das demandas administrativas, pela incorporação de novas tecnologias sem formação adequada e pela ampliação das expectativas sociais sobre o papel do professor. Esse processo contribui para a sobrecarga laboral, pois o docente passa a acumular funções que vão muito além do ensino em sala de aula, incluindo atividades de gestão de conflitos, atendimento a famílias, produção de relatórios e participação em múltiplas formações. Essa intensificação, quando não acompanhada de valorização e suporte, torna-se um dos principais fatores de adoecimento.

A precarização das condições de trabalho também é destacada por Sygride Nascimento de Carvalho (2026, grifo nosso) como um elemento central nas análises sobre burnout docente. Em muitos contextos educacionais, os professores enfrentam baixos salários, contratos temporários, falta de estabilidade e infraestrutura inadequada para o desenvolvimento de suas atividades. Essas condições geram insegurança profissional e ampliam o sentimento de desvalorização, o que contribui para o desgaste emocional contínuo. A literatura aponta que a precarização não apenas afeta a saúde do professor, mas também compromete a atratividade da carreira docente, dificultando a permanência de profissionais na área.

Os impactos do sofrimento docente não se restringem ao indivíduo, mas se refletem diretamente na qualidade da educação oferecida, conforme evidenciado por Gabriel Nascimento de Carvalho (2026, grifo nosso). Professores em estado de esgotamento tendem a apresentar menor engajamento, dificuldade de concentração, redução da criatividade pedagógica e maior propensão ao absenteísmo. Esses fatores afetam o processo de ensino-aprendizagem e podem prejudicar o desenvolvimento dos estudantes, além de influenciar negativamente o clima escolar como um todo. Assim, o burnout docente deve ser entendido como um problema que ultrapassa a esfera da saúde ocupacional e se estende para o campo da qualidade educacional.

A literatura científica também evidencia uma expansão significativa das pesquisas sobre burnout docente entre 2023 e 2026, conforme analisado por Sandro Garabed Ischkanian (2026, grifo nosso), indicando um crescente reconhecimento do tema como questão de saúde pública. Esse movimento reflete uma maior sensibilidade acadêmica e institucional para os efeitos do trabalho docente sobre a saúde mental, bem como uma tentativa de compreender as transformações recentes no mundo do trabalho educacional. Estudos mais recentes têm adotado abordagens interdisciplinares, integrando perspectivas da psicologia, sociologia da educação e políticas públicas para analisar o fenômeno de forma mais abrangente.

Os estudos convergem no entendimento de que o burnout docente não pode ser tratado como um problema individual ou resultado de fragilidade pessoal, mas sim como uma expressão de uma crise sistêmica na educação contemporânea. Isso implica reconhecer que a saúde do professor está diretamente vinculada às condições estruturais de trabalho, à valorização profissional e às políticas institucionais de cuidado. Dessa forma, o enfrentamento do problema exige intervenções em múltiplos níveis, incluindo mudanças na organização escolar, investimento em políticas públicas educacionais e criação de ambientes de trabalho mais saudáveis e sustentáveis para o exercício da docência.

3. CONCLUSÃO

A análise do burnout docente à luz da psicopedagogia institucional permite compreender que esse fenômeno não se restringe a um estado individual de exaustão, mas representa um indicador crítico de que há desequilíbrios estruturais profundos no ambiente escolar. Assim, ampliar essa discussão implica reconhecer que o sofrimento do professor é produzido por múltiplos fatores interdependentes, como a intensificação do trabalho, a sobrecarga burocrática, a falta de reconhecimento profissional e a fragilidade das políticas institucionais de cuidado. O burnout emerge como expressão de um sistema que, muitas vezes, demanda alta performance sem oferecer condições materiais, emocionais e organizacionais compatíveis com tais exigências.

A psicopedagogia institucional assume papel estratégico ao propor intervenções que não se limitem ao atendimento pontual do sofrimento, mas que promovam transformações no clima organizacional da escola. Isso envolve a construção de espaços permanentes de escuta qualificada, a implementação de práticas de acolhimento psicológico, o fortalecimento do trabalho colaborativo entre equipes e a formação continuada voltada também ao cuidado com a saúde mental docente. Torna-se essencial que a gestão escolar desenvolva uma liderança mais

humanizada, capaz de identificar sinais de esgotamento e agir preventivamente antes que o adoecimento se instale de forma crônica.

Outro aspecto fundamental é a necessidade de integração entre diferentes níveis de atuação — escola, rede de ensino e políticas públicas — para que o cuidado com o professor não dependa apenas de iniciativas isoladas, mas constitua uma diretriz institucional contínua. A valorização do docente, nesse sentido, ultrapassa o discurso e precisa se materializar em condições reais de trabalho, redução de sobrecarga, participação nas decisões pedagógicas e fortalecimento de vínculos profissionais mais saudáveis.

A psicopedagogia institucional, ao articular dimensões pedagógicas, emocionais e organizacionais, contribui para a construção de ambientes escolares mais equilibrados, nos quais o professor não seja visto apenas como executor de demandas, mas como sujeito essencial ao processo educativo, cuja saúde e bem-estar são condições indispensáveis para a qualidade da educação.

Torna-se imprescindível reconhecer que a permanência do burnout nas instituições escolares está diretamente relacionada às formas de organização do trabalho e às relações estabelecidas no cotidiano escolar. Assim, não se trata apenas de implementar ações pontuais de apoio, mas de promover transformações estruturais que envolvam gestão democrática, valorização profissional, redução da sobrecarga laboral e fortalecimento de vínculos colaborativos. Essas mudanças são fundamentais para interromper o ciclo de adoecimento e reconstruir o sentido do trabalho docente.

A consolidação de práticas contínuas de cuidado institucional, mediadas pela psicopedagogia, permite a criação de espaços de escuta, reflexão e acolhimento, favorecendo o desenvolvimento de estratégias coletivas de enfrentamento ao estresse ocupacional. Desse modo, o ambiente escolar passa a ser compreendido como um espaço também de proteção e promoção da saúde mental, no qual o bem-estar docente é tratado como prioridade e não como um elemento secundário.

Reafirma-se que a superação do burnout docente depende de um compromisso ético e político das instituições educacionais com a humanização das relações de trabalho, o que implica reconhecer o professor não apenas como executor de tarefas pedagógicas, mas como sujeito social que necessita de condições dignas para exercer sua profissão. Nesse sentido, políticas institucionais que promovam escuta ativa, valorização profissional, redução da sobrecarga e fortalecimento do suporte pedagógico tornam-se fundamentais para a reconstrução de ambientes escolares mais saudáveis e sustentáveis. A ausência dessas medidas tende a

perpetuar ciclos de adoecimento que impactam diretamente a permanência e a motivação dos docentes na carreira.

Investir no cuidado com o professor significa investir na própria qualidade do ensino, uma vez que educadores saudáveis, valorizados e apoiados são essenciais para a construção de uma educação mais significativa, inclusiva e transformadora. Quando o docente encontra condições adequadas de trabalho, há maior possibilidade de desenvolvimento de práticas pedagógicas criativas, reflexivas e comprometidas com o aprendizado dos estudantes. O fortalecimento do bem-estar docente contribui para a melhoria do clima escolar, favorecendo relações mais positivas entre professores, alunos e toda a comunidade educativa.

Dessa forma, torna-se evidente que o enfrentamento do burnout docente não pode ser reduzido a estratégias individuais de autocuidado, mas deve ser compreendido como uma responsabilidade coletiva que envolve gestores, políticas públicas e instituições educacionais. A construção de uma educação de qualidade passa necessariamente pela garantia de condições estruturais adequadas, pela valorização da carreira docente e pela implementação de políticas que priorizem a saúde mental dos profissionais da educação. Somente assim será possível avançar em direção a um modelo educacional mais humano, equilibrado e socialmente comprometido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Emile Santos de; SANTOS, Karine David Andrade; SILVA, Joilson Pereira da. **Síndrome de burnout e sentido de vida em professores: um estudo correlacional.** *Interações*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, 2023. DOI: https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2023v18n1e181t03

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena**. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura.** *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, 2016. DOI: https://doi.org/10.5433/2236-6407.2016v7n2p64

FÁVERO, A. A.; CENTENARO, J. B. **A pesquisa documental nas investigações de políticas educacionais: potencialidades e limites.** Contrapontos, v. 19, n. 1, p. 170-184, 2019.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M**. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação.** Logeion: Filosofia da informação, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.

LERNER, Ana Beatriz Coutinho; FONSECA, Paula Fontana; SAYÃO, Yara; MACHADO, Adriana Marcondes. **Plantão institucional: uma modalidade de intervenção face ao mal-estar contemporâneo na educação.** *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 199-208, 2014. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v19i1p199-208

MACHADO, Fabiana Ferreira; CARDOSO, Nicolas de Oliveira; GUILHERME, Alexandre Anselmo. **Burnout e engagement em professoras do ensino médio de escola pública no Brasil.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 50, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/S1678-4634202450277390

MORALES, W. G. B**. Análisis de Prisma como Metodología para Revisión Sistemática: una Aproximación General.** Saúde em Redes, v. 8, n. sup1, p. 339-360, 2022.

NARCISO, R.; SANTANA, A. C. A. **Metodologias científicas na educação: uma revisão crítica e proposta de novos caminhos.** ARACÊ, v. 6, n. 4, p. 19459-19475, 2025.

PAGE, Matthew J. et al. **The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews.** *BMJ*, 2021. DOI: https://doi.org/10.1136/bmj.n71

SANCHES, Maria Jade Pohl; MARQUEZAN, Fernanda Figueira. **Intervenção psicopedagógica institucional no Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE).** *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 40, n. 123, p. 293-302, 2023. DOI: https://doi.org/10.51207/2179-4057.20230028

SILVA, L. R. C. et al. **Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente.** In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Anais. Paraná, 2009. p. 4554-4566.

SOUSA, Rodger Roberto Alves de. **Psychopedagogy in action: exploring areas of intervention and impact on development and learning.** *Inter-Ação*, Goiânia, v. 49, edição especial, 2024. DOI: https://doi.org/10.5216/ia.v49ied.especial.78795

SOUZA, Farney Vinícios Pinto. **Esgotamento mental e o trabalho do professor: um estudo de caso na rede pública de ensino.** *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 103-117, 2018. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v21i2p103-117



E-book

CLUBE DE AUTORES

